

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-INGLÊS**

IARA DO VALE AFONSO RIBEIRO

**ESTUDOS DE BILINGUISMO:
concepções e pesquisas**

**MARIANA
2025**

IARA DO VALE AFONSO RIBEIRO

ESTUDOS DE BILINGUISMO:

concepções e pesquisas

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Inglês do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras-Inglês.

Prof.^a Orientadora: Dr.^a Jhuliane Evelyn da Silva

MARIANA

2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Iara do Vale Afonso Ribeiro

Estudos de bilinguismo: concepções e pesquisas

Monografia apresentada ao Curso de Letras - Inglês da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras - Inglês.

Aprovada em 19 de março de 2025.

Membros da banca

Professora Dra. Jhuliane Evelyn da Silva - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Professora Ma. Luiza de Oliveira Lanari - Examinadora (Universidade Federal de Minas Gerais)

A Profa. Dra. Jhuliane Evelyn da Silva, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 02/04/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Jhuliane Evelyn da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/04/2025, às 10:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0887899** e o código CRC **0181E9E0**.

RESUMO

Este trabalho visa apresentar as diferentes percepções do bilinguismo ao decorrer dos anos e o panorama do que vem sendo pesquisado nesse campo dentro e fora do Brasil. Como metodologia, sendo esta uma pesquisa bibliográfica (Prodanov; Freitas, 2013), buscou-se, primeiramente, por meio de consulta de livros, as múltiplas perspectivas de bilinguismo. Posteriormente, consultou-se bancos de dados publicados no país e fora dele para mapear os temas que tem sido alvo de interesse na área de bilinguismo e de bilinguismo e educação. Os resultados indicam que o conceito de bilinguismo foi sendo questionado, ampliado e complexificado ao longo dos anos, com grande parte de seus conceitos, ainda que se considerando suas múltiplas dimensões, sendo informados por uma concepção monolíngue de bilinguismo. Com relação ao que vem sendo pesquisado na área, observa-se como temas proeminentes internacionalmente a relação entre bilinguismo e cognição, efeitos e percepções acerca do bilinguismo. Já no Brasil, observa-se uma ênfase na relação entre o bilinguismo e educação de surdos e políticas linguísticas.

Palavras-Chave: Bilinguismo. Concepções. Mapeamento.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 REVISÃO TEÓRICA.....	7
2.1 Concepções de Bilinguismo.....	7
2.2 As múltiplas dimensões do conceito de bilinguismo.....	10
2.3 O bilinguismo para além de estruturas e sistemas.....	15
3 REVISÃO DA LITERATURA.....	18
3.1 Pesquisas do bilinguismo fora do Brasil.....	18
3.2 As pesquisas acerca do bilinguismo no Brasil.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

Tratar de bilinguismo no Brasil parece invariavelmente lidar com o ensino de língua portuguesa e de alguma outra língua de prestígio, considerando-se o Brasil como um país monolíngue. Esta informação, porém, é um mito, visto que há diversas e plurais comunidades no território nacional, incluindo comunidades indígenas, de imigrantes e de surdos. Deste modo, aqui falam-se línguas indígenas, línguas de fronteira, Língua Brasileira de Sinais, alemão, italiano, japonês, além das muitas variedades linguísticas consideradas de baixo prestígio do português do Brasil (Cavalcanti, 1999). Diante de cerca de 220 línguas faladas no país, conforme Maher (2013 *apud* Megale, 2019), observa-se o Brasil enquanto um território multilíngue.

Apesar desse multilinguismo, optou-se estudar a língua inglesa uma vez que ela tem sido alvo de interesse por brasileiros há muito tempo, seja por ser considerada a língua dos negócios, da internet, da ciência, da comunicação internacional, do entretenimento, das possibilidades. Isso se dá por múltiplos fatores, incluindo, sobretudo, a globalização, a mídia e a ascensão econômica da Classe C (Megale, 2012), o que atinge invariavelmente a educação e os documentos que a regem, como atualmente a Base Nacional Comum Curricular no Brasil (Megale, 2018).

Em decorrência desse contexto, vê-se o aumento da procura e o surgimento de instituições bilíngues e de escolas internacionais, bem como a tentativa de adequação de algumas escolas regulares à instrução em inglês no Brasil, o que, por sua vez, leva à evidência da “educação bilíngue” e, principalmente, do “bilinguismo” no país (Megale, 2012).

Diferentemente do que se possa pensar, o bilinguismo é ligado não somente à área de ensino, mas também a outras áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Sociologia e a Pedagogia (Mackey, 2000). Sendo o bilinguismo um tema tão pertinente e recorrente atualmente, a presente pesquisa teve como objetivos apresentar e descrever as múltiplas percepções e dimensões a respeito do bilinguismo e verificar os temas mais proeminentes relacionados ao bilinguismo internacional e nacionalmente.

Para cumprir esses objetivos, recorreu-se à consulta de livros e artigos científicos para a descrição das múltiplas perspectivas do bilinguismo e à consulta de bancos de periódicos nacionais e internacionais. Nacionalmente, recorreu-se ao Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); internacionalmente, aos periódicos *Bilingualism: Language and Cognition*, da Universidade de Cambridge, *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, da Editora Taylor & Francis e

International Journal of Bilingualism, da Editora Sage. A consulta a esses bancos de dados foi baseada na análise bibliométrica da pesquisa de bilinguismo e educação já realizada por Kayadibi (2012).

Para compreender os temas pesquisados internacionalmente, foi utilizada a ferramenta *Master Journal List*, que encontra periódicos referentes à plataforma *Web Of Knowledge*. Pesquisando-se pelo termo “bilingualism”, foram encontrados oito periódicos e selecionados os três primeiros, por ordem de relevância atribuída pela ferramenta. Em cada periódico, foi pesquisado o termo “bilingualism”. Para a análise dos temas no Brasil, foram procurados os termos “bilinguismo” e “brasil”, tendo em vista que o banco de dados inclui pesquisas de outras localidades. Foram exibidos 132 resultados, sendo a maioria destes artigos. Os textos que não eram escritos em língua portuguesa ou que não tratavam do tema no país foram descartados.

Este trabalho tratou-se, portanto, de uma pesquisa de natureza básica e abordagem qualitativa, visando gerar conhecimentos científicos (Prodanov; Freitas, 2013) e expandir especificamente o campo explanatório do bilinguismo. Por buscar trazer as múltiplas perspectivas de bilinguismo e os temas pesquisados na área, é configurado enquanto uma pesquisa descritiva, contando com a descrição desses objetos (Prodanov; Freitas, 2013). Do ponto de vista de procedimentos técnicos, recorreu-se à consulta de livros, artigos científicos e publicações de periódicos que envolvessem o assunto, classificando-se também como um trabalho de carácter bibliográfico.

Em termos de organização, o trabalho é dividido em duas seções. Na primeira seção deste artigo, a Revisão Teórica, são trazidas as perspectivas do bilinguismo ao longo do tempo, respectivamente, as concepções iniciais acerca da definição do bilinguismo (2.1), outras dimensões a serem consideradas (2.2) e a noção translíngue do bilinguismo (2.3). Na segunda seção, a Revisão da Literatura, são trazidos os temas que vêm sendo pesquisados internacionalmente (3.1) e nacionalmente (3.2) no campo do bilinguismo. Nas Considerações Finais, os principais resultados da pesquisa são resumidos e as limitações encontradas para o desenvolvimento deste trabalho são indicados.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 Concepções de Bilinguismo

Ainda não há consenso na literatura em relação à definição de bilinguismo. Colin Baker, pesquisador e autor sobre educação bilíngue, em sua obra *Foundations of Bilingual Education and Bilingualism*, afirma que, apesar de ser comumente definido como falar duas línguas, a sua definição pode não ser tão simples. O autor aponta que, ao perguntar a uma pessoa se é bilíngue, surgem questões como: “Uma pessoa pode ser considerada bilíngue sendo mais fluente em uma língua e menos na outra? Uma pessoa é bilíngue se raramente ou nunca usa uma das duas línguas que sabe?” (Baker, 2001, p. 2, tradução nossa¹).

Nesta obra, então, para entender o que é bilinguismo para além de “falar duas línguas”, Baker (2001), primeiramente, distingue o bilinguismo societal e o bilinguismo individual. O bilinguismo societal diz respeito a um grupo falar duas línguas entre si, seja em regiões específicas ou em comunidades. O seu conceito envolve temas como situação e impacto de uma língua minoritária, restauração, declínio e morte de uma língua e como o contato entre diferentes comunidades linguísticas afeta as línguas envolvidas. Já o bilinguismo individual diz respeito ao bilinguismo enquanto característica de alguém. Por exemplo, para se estudar se o bilinguismo afeta o pensamento, é necessário pesquisar indivíduos monolíngues e bilíngues (Baker, 2001). Para fazer uma contraposição à concepção de bilinguismo enquanto “falar duas línguas”, Baker recorre, especificamente, à noção de bilinguismo individual.

Para abordar o assunto, primeiramente Baker traz as diferenças entre as terminologias competência, habilidade e proficiência linguística. O termo “competência linguística” é usado para descrever a representação mental e interna da língua e pode ser vista através da performance linguística, que considera a compreensão e a produção linguísticas. O termo “habilidade linguística” é usado por algumas pessoas para se referir a um fator determinante para o sucesso linguístico, mas, por outras, para se referir à consequência desse êxito, sendo um fator observável e definível. O termo “proficiência linguística”, por sua vez, pode ser usado como medida de teste de idioma, mas também como sinônimo de competência linguística.

Feita a distinção entre essas terminologias linguísticas, ao considerar a pessoa bilíngue enquanto aquela que tem habilidades em duas línguas, há que se considerar primeiramente do que essas habilidades se tratam. Consideram-se quatro as habilidades linguísticas básicas, que são: a escuta, a fala, a leitura e a escrita, categorizadas como habilidades receptivas (habilidades passivas como a escuta e a leitura) e produtivas (habilidades ativas como a fala e

¹ “the ownership of two languages is not so simple as having two wheels or two eyes. Ask someone if they are bilingual. Is someone bilingual if they are fluent in one language but less than fluent in their other language? Is someone bilingual if they rarely or never use one of their languages?”

a escrita). Lembrando as possibilidades de definição que Baker trouxe, esses quatro componentes podem ser observáveis. Cada habilidade pode variar em grau (de simples a fluente) e conforme o contexto de uso: a escuta em uma língua pode ser melhor desenvolvida quando o sujeito vai fazer compras em uma loja do que quando assiste a aulas avançadas. Além disso, podem abranger diferentes níveis no bilinguismo, como exemplifica Baker (2001): alguém pode compreender e/ou falar a segunda língua, mas não conseguir ler e/ou escrever nesta língua. Devido a essa variação, “classificar as pessoas como bilíngues ou monolíngues é algo muito simplista” (Baker, 2001, p. 5, tradução nossa²). Dentro dessas quatro habilidades, Baker (2001) aponta também subdivisões, como pronúncia, vocabulário, uso correto de gramática, transmissão de um mesmo significado em diferentes situações e variações estilísticas. Observa-se, então, que habilidades em duas línguas abrangem muitas dimensões e que não cabe uma categorização simples nesse contexto (Baker, 2001). Feitas essas ponderações iniciais, passa-se às concepções de bilinguismo ao longo do tempo.

Apesar de não ser o foco de seu estudo, Leonard Bloomfield, linguista que muito contribuiu para os estudos linguísticos estruturalistas, afirma que o bilinguismo seria o *domínio* de duas línguas. Segundo o autor, o indivíduo bilíngue é aquela pessoa que domina a segunda língua tal como domina a sua primeira (Bloomfield, 1935), ainda que não fique claro o que se entende por “domínio” e “nativo” de uma língua. Válido ressaltar que o conceito de nativo é muito problematizado na área de aquisição de segunda língua e de translinguagem.

Uma visão oposta a essa é a de Albert Richard Diebold, linguista e antropólogo que tinha como foco de pesquisa estudos históricos comparativos acerca do Indo-europeu e Psicolinguística. Diebold cunhou o termo *bilinguismo incipiente* para se referir ao estágio inicial de aprendizado no qual o falante, aprendendo a segunda língua, ainda não é capaz de produzir sentidos completos (Diebold, 1964). Como exemplifica Baker (2001), esta definição permite com que pessoas que saibam cumprimentos ou algumas frases em uma segunda língua sejam classificadas enquanto bilíngues incipientes, sendo este, ao contrário da visão de Bloomfield, um bilinguismo mais inclusivo.

Próximo à definição de Diebold, mais tarde, Jonh Macnamara (1967), estudioso que estudava bilinguismo e aprendizado de línguas, recorre à definição do indivíduo bilíngue como aquela pessoa que tem qualquer mínima habilidade linguística na segunda língua. Sobre esta definição, pode-se pensar no mesmo exemplo de bilinguismo de Diebold, fornecido por

² “To classify people as either bilinguals or monolinguals is thus too simplistic. Or, to return to the opening analogies, the two wheels of bilingualism exist in different sizes and styles. The two lenses of bilingualism will vary in strength and size.”

Baker (2001): a pessoa que saiba falar algumas frases e saiba alguns cumprimentos em uma língua estrangeira, por possuir esse conhecimento no campo da oralidade, pode ser considerada bilingue.

As definições opostas de Bloomfield (1935) e de Diebold (1934), contudo, ainda não são capazes de abranger todas as questões que envolvem o bilinguismo. Por isso, Baker (2001) sugere que, em vez de se preocupar com os níveis de proficiência nas duas línguas em questão, se observe como elas são usadas nos diferentes contextos em que esses falantes participam. Ademais, argumenta François Grosjean, estudioso da Psicolinguística, as concepções de bilinguismo listadas até então são informadas por uma percepção monolíngue, que traz impactos importantes de serem mencionados. Em outras palavras, a pessoa bilíngue seria duas monolíngues em uma pessoa só e suas competências são avaliadas em cada língua em comparação com seu respectivo falante nativo (Grosjean, 1985).

O autor reflete as consequências da adoção dessa perspectiva monolíngue de bilinguismo como implicando a busca pelo “verdadeiro bilíngue”, aquele que desempenharia bem ambas as línguas igualmente, a desconsideração das diferentes necessidades de cada língua para o sujeito bilíngue nos testes de proficiência e a inadequação com a qual as próprias pessoas bilíngues consideram suas competências linguísticas (Grosjean, 1985). Diante disso, o teórico defende uma visão holística do bilinguismo, que considere o sujeito bilíngue como um falante-ouvinte perfeitamente capaz, não o comparando com uma pessoa monolíngue, e que considere para quê, com quem e onde ambas as línguas são utilizadas (Grosjean, 1985). O Quadro 1 traz um resumo dessas definições.

Quadro 1- Comparação de percepção do bilinguismo entre diferentes autores

AUTOR	DEFINIÇÃO DE BILINGUISMO	LACUNAS
Diebold (1934)	Produção de significados nas duas línguas	Definição muito abrangente, Foco no nível de proficiência linguística
Bloomfield (1950)	Domínio nativo das duas línguas	Definição muito restrita, Percepção monolíngue de bilinguismo

Macnamara (1967)	Ter alguma habilidade na segunda língua	Definição muito abrangente, Foco no nível de proficiência linguística
------------------	---	---

Fonte: Elaborado pela autora

A partir do Quadro 1, observa-se que, para além de um foco na proficiência linguística ao abordar o conceito de bilinguismo, todas as percepções abordadas até então estão ligadas à visão monolíngue do bilinguismo e suas consequências. Em especial, Bloomfield, ao considerar o bilinguismo como controle nativo das duas línguas, compara o bilíngue enquanto “nativo” de duas línguas, contribuindo para a visão monolíngue do fenômeno. Já Diebold e Macnamara, apesar de não pautarem o bilinguismo dessa mesma forma, não abordam o contexto de uso das duas línguas, como questionado por Grosjean, parte da consequência da visão monolíngue que reinava nesses estudos e definições iniciais de bilinguismo. Perante essas lacunas, outros autores, mais tarde, propõem o bilinguismo visto em múltiplas dimensões, contando com variáveis importantes para a temática, como será visto na seção que segue.

2.2 As múltiplas dimensões do conceito de bilinguismo

Como foi possível observar, a definição do bilinguismo varia segundo o escopo de análise dos estudos realizados. Diante da dedicação dos autores à proficiência linguística e a sua relação com o conceito de bilinguismo, é importante citar autores que ampliaram as dimensões que abrangem essa área de estudos. Guadalupe Valdés e Richard A. Figueroa, pesquisadores da área do bilinguismo, sugerem que o bilinguismo pode ser estudado em suas seis dimensões: i) idade, ii) habilidade, iii) equilíbrio entre as duas línguas, iv) desenvolvimento, v) contextos em que a língua é usada e adquirida, e vi) os bilinguismos circunstancial e eletivo (Valdés; Figueroa, 1994 *apud* Baker, 2001, p. 3).

Na dimensão idade, estuda-se se o indivíduo adquiriu a segunda língua de forma simultânea, sequencial ou tardia à primeira língua. Na dimensão habilidade, considera-se a habilidade linguística de recepção e produção da língua, se é incipiente (quando o indivíduo é capaz de se comunicar de forma básica, com algumas frases), se é receptivo (quando o indivíduo somente consegue compreender o que é enunciado na segunda língua, mas ainda não consegue responder), ou se é produtivo (quando o indivíduo bilíngue consegue tanto

compreender quanto produzir enunciados responsivos aos contextos dos quais participa). Na dimensão equilíbrio entre as duas línguas, como o termo sugere, considera-se se há equilíbrio no domínio e no uso das duas línguas. Na dimensão desenvolvimento, investiga-se se há o desenvolvimento da segunda língua (ascendente) ou se uma das línguas regride (recessivo). Na dimensão contexto de uso/aquisição, considera-se se a segunda língua foi adquirida em contexto em que é a língua nativa dos falantes ou se foi aprendida como uma língua estrangeira, em país onde a língua não é utilizada pelos falantes. Finalmente, o bilinguismo eletivo diz respeito à escolha de aprender um idioma, enquanto no circunstancial, torna-se uma necessidade para sobrevivência.

Em 2000, os autores Jossiane F. Hamers, psicolinguista e estudiosa do bilinguismo, e Michel Blanc, linguista aplicado e estudioso do bilinguismo, também listam algumas dimensões que devem ser consideradas quando se trata de definir o que é e quem pode ser considerado um sujeito bilíngue. Esses autores, publicam, em 2000, a obra *Bilinguality and Bilingualism*, que visa apresentar o estado-da-arte de línguas de contato. Nesse trabalho, os autores distinguem *bilingualidade e bilinguismo*: a bilingualidade referindo-se ao estado psicológico daquela pessoa com acesso a mais de um código linguístico para a comunicação e que está incluído no bilinguismo; e bilinguismo referindo-se ao estado de uma comunidade linguística em que ocorre contato de duas línguas usadas em situações de interação (Hamers; Blanc, 2000). A partir do conceito de bilingualidade, Hamers e Blanc (2000) propõem seis dimensões, que são: competência relativa, organização cognitiva, idade de aquisição, presença de falantes da língua estrangeira em determinado ambiente, status das duas línguas em questão e identidade cultural.

A competência relativa diz respeito às competências linguísticas de cada língua, dando espaço para novos tipos de bilingualidade: a bilingualidade balanceada, em que as competências linguísticas das duas línguas são equivalentes, e a bilingualidade dominante, na qual as competências linguísticas de uma língua se sobrepõem às da outra (Hamers; Blanc, 2000).

A partir da organização cognitiva, há a distinção de bilingualidade composta e coordenada, primeiramente feita por Ervin e Osgood (1954): no primeiro tipo, dois signos linguísticos correspondem a um mesmo significado, enquanto no segundo tipo, os dois signos têm respectivamente duas representações diferentes uma da outra. Hamers e Blanc (2000) resgatam o que esses autores exemplificam: na bilingualidade composta, a palavra “família” em francês e em inglês corresponde a um único conceito, enquanto na bilingualidade coordenada, a palavra em francês corresponde a um conceito, e em inglês a outro.

A idade de aquisição também origina tipos de bilinguagem. A partir da bilinguagem infantil, em que duas línguas são desenvolvidas na infância, tem-se a bilinguagem simultânea, em que duas línguas são aprendidas ao mesmo tempo, e a sequencial, no qual a segunda língua é aprendida após já se ter aprendido a primeira. No caso da bilinguagem simultânea, há duas línguas maternas, logo L_A e L_B ; na bilinguagem sequencial, há a L_1 (primeira língua) e a L_2 (segunda língua).

A partir do uso linguístico das comunidades linguísticas das duas línguas, tem-se a bilinguagem endógena, em que a língua materna é usada na comunidade, podendo ou não ser usada por motivos institucionais, e a bilinguagem exógena, em que a língua é oficial e institucionalizada, mas não há uma comunidade que a utilize. Como exemplo de bilinguagem endógena, pode-se citar o bilinguismo nos Estados Unidos nos anos 1980. Neste contexto, em comunidades bilíngues, as línguas maternas étnicas eram somente faladas em casa, dentre elas o espanhol (García, 1984). O autor Ngugi Wa Thiong'o (1986), por sua vez, explica o acontecimento. Segundo ele, a alienação colonial leva à separação entre a língua da educação formal e língua do dia-a-dia do falante, falada pela família e comunidade.

Quanto ao status das línguas na comunidade, há a bilinguagem subtrativa e a bilinguagem aditiva. Na bilinguagem aditiva, as duas línguas são valorizadas no ambiente em que a criança está, resultando em uma melhor flexibilidade cognitiva, como indicam Hamers e Blanc (2000). Já na bilinguagem subtrativa, a língua materna é desvalorizada, causando desvantagens cognitivas na criança.

Por fim, a categoria identidade cultural diz respeito a como o falante bilíngue se identifica com os grupos culturais pertencentes a cada língua. A pessoa bilíngue que se identifica com os grupos culturais das respectivas línguas e é reconhecida como um membro deles é um bilíngue bicultural. O bilíngue também pode permanecer monocultural e se identificar culturalmente somente com um grupo, sendo então um bilíngue monocultural. Ao renunciar o grupo da sua língua materna e adotar o da sua segunda língua, este bilíngue é considerado acultural da sua L_1 , mas se houver uma falha na adoção do grupo da sua segunda língua, torna-se um bilíngue descultural. O Quadro 2 a seguir resume e apresenta as dimensões propostas:

Quadro 2 - As dimensões de bilinguagem³

DIMENSÕES	TIPO DE	DETALHE
-----------	---------	---------

³ Tradução da autora da tabela de Hamers, Blanc (1989 *apud* Hamers, Blanc; 2000, p. 26).

	BILINGUALIDADE	
1. Competência em ambas as línguas	a) bilingualidade balanceada b) bilingualidade dominante	a) Competência de $L_1 =$ Competência de L_2 b) Competência de $L_1 <$ ou $>$ Competência de L_2
2. Organização cognitiva	a) bilingualidade composta b) bilingualidade coordenada	a) Unidade de L_1 equivalente à da L_2 b) Unidade $L_1/L_2 =$ respectiva unidade
3. Idade de aquisição	a) bilingualidade infantil i) simultânea ii) consecutiva b) bilingualidade adolescente c) bilingualidade adulta	a) L_2 adquirida antes de 10/11 anos de idade i) ambas as línguas maternas ii) $L_1 =$ língua materna, L_2 adquirida antes dos iii) L_2 adquirida entre os 11 e 17 b) L_2 adquirida após 17
4. Presença da comunidade de 2ª língua no ambiente	a) bilingualidade endógena b) bilingualidade exógena	a) presença de da comunidade de L_2 b) ausência de comunidade de L_2
5. Status da língua	a) bilingualidade aditiva b) bilingualidade subtrativa	a) L_1 e L_2 valorizadas socialmente, resultando em vantagem cognitiva b) L
6. Pertencimento e identidade cultural	a) bilingualidade bicultural b) bilingualidade monocultural c) bilingualidade acultural de L_1 d) bilingualidade descultural	a) pertencimento duplo e identidade bicultural b) pertencimento à L_1 e identidade cultural c) pertencimento à L_2 e identidade cultural d) pertencimento ambíguo e identidade “desorganizada”

Fonte: Hamers, Blanc (1989 *apud* Hamers, Blanc; 2000, p. 26)

Apesar de considerar o bilinguismo e a bilingualidade a partir de múltiplas dimensões, complexificando os estudos anteriores, essas definições não são livres de problemas. De

acordo com Fishman (1971 *apud* Baker, 2001), por exemplo, o conceito de competência relativa é problemático porque ser igualmente competente em todas as situações não é possível. Ofélia García (2009), por sua vez, critica as definições de bilinguidade quanto ao status das línguas na comunidade, argumentando que essas duas categorias usam L_1 como primeira língua e L_2 como língua adicional remetem à percepção monolíngue do bilinguismo. Como mostra o Quadro 3, no que diz respeito à primeira língua (L_1) e à língua adicional (L_2), enquanto no bilinguismo aditivo, as duas línguas são valorizadas, no bilinguismo subtrativo, isso ocorre somente com a língua adicional.

Quadro 3 - Representação do funcionamento do bilinguismo subtrativo e aditivo⁴

BILINGUISMO CONSOANTE STATUS NA COMUNIDADE	REPRESENTAÇÃO
Bilinguismo subtrativo	$L_1 + L_2 - L_1 \rightarrow L_2$
Bilinguismo aditivo	$L_1 + L_2 = L_1 + L_2$

Fonte: Garcia (2009).

Finalmente, a categorização de bilinguismo com relação à identidade cultural dos falantes, consoante com o trabalho de Antonietta Megale (2019), apresenta problemas por partir da concepção de cultura enquanto algo imutável e específico de um país/nacionalidade apenas. Além disso, a categorização do bilinguismo de Hamers e Blanc, como pontua Megale

(...) tangencia a dificuldade de tentar colocar os sujeitos bilíngues em categorias prefixadas, o que decorre, conforme Wei (2000), do fato de que não se pode conceber o bilinguismo como um fenômeno estático. Segundo o autor, este pode se manifestar de diferentes maneiras e se modifica de acordo com fatores históricos, culturais e políticos, entre outros. (2019, p. 18):

Após a descrição dessas dimensões, percebe-se que as teorizações acerca de bilinguismo continuam informadas por uma percepção monolíngue, como criticava Grosjean (1985) e visão estruturalista de língua. Desta forma, com o objetivo de superar essas problemáticas e ampliar a discussão, passa-se às teorizações de bilinguismo a partir do conceito de translinguagem.

⁴ Adaptação das figuras de Garcia (2009).

2.3 O bilinguismo para além de estruturas e sistemas

Ofelia García e Li Wei, linguistas que pesquisam bilinguismo e educação bilíngue, publicam, em 2014, o livro *Translanguaging - Language, Bilingualism and Education*. Nesta obra, os dois autores introduzem o conceito de translanguagem, mostrando uma outra perspectiva sobre língua e bilinguismo e quais os impactos dessa teorização para o campo da educação.

Os autores mostram primeiramente as duas principais linhas em relação à concepção de língua: a estruturalista e a chomskiana. A corrente estruturalista, fundada por Ferdinand Saussure, linguista suíço, defendia a língua enquanto sistema formal de signos arbitrários, concepção esta que, inclusive, influenciou os estudos iniciais do bilinguismo (García, Wei, 2014). Já a corrente chomskiana, desenvolvida por Noam Chomsky, se debruça sobre uma gramática universal e sua relação com a cognição humana. García e Wei (2014) apontam que ambas as correntes não consideraram o contexto de uso da língua, dentre elas a origem, experiência e características dos falantes em contato. Com isso, argumentam em prol da necessidade de uma outra concepção de língua, como muitos sociolinguistas na era pós-estruturalista, que consideram o contexto histórico, social, cultural e político da língua.

Desta forma, recorrem à concepção de língua como *linguaging*. O termo foi cunhado pelos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela para fazer referência à simultaneidade dos processos de construção de si e de suas práticas linguísticas, ou seja, enquanto interage, o indivíduo ao mesmo tempo se constrói e constrói suas práticas linguísticas (García, Wei, 2014). Na área da Linguística, psicolinguistas viram o termo enquanto o processo de utilização da língua para, dentre outros, aquisição de conhecimento e comunicação. Sociolinguistas, por sua vez, passaram a utilizar *linguaging* como um processo social reconstruído continuamente por fatores externos, preocupando-se com o contexto em que a língua é utilizada. Para García e Wei (2014), *linguaging* se refere ao processo de nos tornarmos nós mesmos e transformamos nossas práticas linguísticas enquanto interagimos. Deste modo, este é um processo sempre fluido e dependente do contexto de enunciação. O conceito de *linguaging* contribui para o entendimento de García (2009) acerca do bilinguismo dinâmico.

O bilinguismo dinâmico contrapõe-se ao bilinguismo tradicional, derivado da visão estruturalista, que considera as duas línguas enquanto dois sistemas autônomos, cada uma com seus respectivos recursos, e à “interdependência linguística”, proposta por Jim Cummins (García, Wei, 2014). Esta última considera uma troca entre os dois sistemas linguísticos a

partir de uma proficiência em comum. O bilinguismo dinâmico, por sua vez, considera somente um sistema linguístico (repertório), que é composto de diversos recursos linguísticos sem distinção entre línguas nomeadas.

A FIG. 1 ilustra essa diferença entre esses três tipos de bilinguismo. Na concepção de bilinguismo tradicional (*traditional bilingualism* na FIG. 1), os dois sistemas, L_1 (primeira língua) e L_2 (segunda língua), são separados, cada um contendo seus recursos, representados por F_1 e F_2 respectivamente. Já na interdependência linguística (*linguistic interdependence* na FIG. 1), L_1 e L_2 e seus respectivos recursos têm base em uma proficiência em comum. Por fim, no bilinguismo dinâmico (*dynamic bilingualism* na FIG. 1), observa-se a ausência das caixas de L_1 e L_2 , havendo somente um agrupamento de recursos indistintamente. Ao contrário de outras visões que consideram um sistema para cada língua, como bem ilustra a FIG. 1, o bilinguismo dinâmico vai além, não distinguindo os sistemas de uma língua, mas considerando o repertório de recursos e de línguas que o falante possui e do qual se valerá para negociar sentidos em suas interações.

Figura 1 -Diferenças entre a visão de bilinguismo tradicional, de interdependência linguística e do bilinguismo dinâmico

questionar a visão de língua enquanto código linguístico e reforçar o fato de todas as línguas nomeadas serem entidades situadas histórica, política e ideologicamente.

A translanguagem cria o que Wei (2011) chama de *translanguaging space*, o espaço de translanguagem, que permite a indivíduos multilíngues integrarem espaços sociais e códigos linguísticos em um só lugar “ao trazer diferentes dimensões de suas histórias, experiências e meios sociais, suas atitudes, crenças e ideologias, bem como suas capacidades físicas e cognitivas em uma performance coordenada e relevante, tornando-a uma experiência vivida” (Wei, 2011, p. 1223, tradução nossa⁵). Além disso, a translanguagem incorpora oralidade, escrita e outros modos de significado, como gestos, objetos, recursos visuais, toque e sons, para citar alguns modos, que fazem parte de interações multilíngues. Conforme Wei (2011), a translanguagem incorpora criatividade e criticidade, envolvendo tanto o seguimento de normas de uso da língua, quanto o questionamento, a problematização e mesmo a expressão dessas mesmas regras.

Perante um mundo multilíngue, instituições educativas têm cada dia mais adotado a educação bilíngue, mas, como os autores apontam, esta tem sido realizada sob uma perspectiva monolíngue: duas línguas, dois sistemas linguísticos separados. García e Wei (2014), no entanto, apontam que essa separação não reflete a sala de aula real, pois ambos os professores e os alunos recorrem à translanguagem diante da multimodalidade desse ambiente. Esses participantes em sala de aula engajam-se em práticas discursivas para desenvolver novas práticas linguísticas e manter antigas, comunicar e apropriar-se de conhecimentos. Baker (2001) também já destacava alguns potenciais benefícios desse processo nesse contexto, incluindo compreender melhor a respeito de um determinado assunto, desenvolver a língua mais fraca, facilitar a ligação entre a casa do aluno e a escola e cooperação, e integrar pessoas fluentes com iniciantes.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 Pesquisas do bilinguismo fora do Brasil

Internacionalmente, no campo de bilinguismo, as pesquisas têm se debruçado sobre os temas de bilinguismo bimodal (língua oral-língua de sinais) (Emmorey *et al.*, 2008;

⁵*it creates a social space for the multilingual language user by bringing together different dimensions of their personal history, experience and environment, their attitude, belief and ideology, their cognitive and physical capacity into one coordinated and meaningful performance, and making it into a lived experience.*

Abutalebi, Clahsen, 2016; Grosjean, 2010), relação entre bilinguismo e cognição/função executiva (Valian, 2014; Klein, 2014; Feng, 2019), efeitos do bilinguismo (Ooi *et al.*, 2018; Vender *et al.*, 2018; Agirdag, 2014; Wodniecka *et al.*, 2010; Singh, Mishra, 2015; Kempert, Hardy, 2014; Cenoz, 2003; Salvatierra, Rosseli, 2010) e percepções acerca do bilinguismo (Borges, Lyddy; 2023; Garrity *et al.*, 2016; Peace-Hughes *et al.*, 2021).

No campo do bilinguismo modal, Emmorey *et al.* (2008) investigaram as características e implicações do bilinguismo bimodal para modelos de produção linguística. Os bilíngues bimodais possuem mais de um canal de transmissão linguística: neste caso, inglês, por meio oral, e Língua Americana de Sinais (LSA), por meio gestual. Dessa forma, os autores (2008) solicitaram que 11 bilíngues fluentes em ambas as línguas conversassem com outra pessoa também bilíngue nas duas línguas e recontassem a ela o desenho animado a que assistiram, designado pelos autores. Analisando-se essas interações, os autores observaram um uso frequente de *code-blending*, o uso de oralidade e gestos simultaneamente, e um uso maior do inglês que a LSA. Com isso, foi possível a construção de um modelo que incluísse similaridades de oralidade e gestos e *code-blending* e abrangesse interações entre falantes de LSA e inglês. Os resultados indicaram a possibilidade de seleção de duas representações lexicais ao mesmo tempo e sugeriram que a supressão lexical é mais onerosa que a seleção lexical (Emmorey *et al.*, 2008).

Quanto às pesquisas acerca da relação entre bilinguismo e cognição, Valian (2014) buscou entender os benefícios cognitivos do conhecimento ou uso de duas línguas. Para isso, analisou os componentes da função executiva, como ela é medida, a relação com a função superior executiva e atraso do declínio cognitivo, e experiências associadas à melhora da função cognitiva. Em seu trabalho, Valian (2014) sugere que a relação entre o bilinguismo e os benefícios cognitivos ainda é inconsistente diante de várias atividades que também promovem o enriquecimento cognitivo tanto em sujeitos monolíngues quanto em sujeitos bilíngues.

No parâmetro de efeitos do bilinguismo, a pesquisa de Ooi *et al.* (2018) procurou investigar se a alternância de uma língua para a outra impacta o controle da atenção de pessoas bilíngues. Para isso, os autores (2018) compararam a execução de duas tarefas que envolvessem esse tipo de controle entre quatro grupos: monolíngues de Edimburgo, bilíngues tardios de Edimburgo, bilíngues precoces de Edimburgo e bilíngues precoces de Singapura, este último sendo o único que alterna entre as línguas. É válido contextualizar que, em Edimburgo, há a presença de inglês e gaélico, enquanto Singapura é um ambiente multilíngue, em que se falam os idiomas mandarim, tâmil, inglês e malaio. Os resultados mostraram que os

bilíngues de Singapura obtiveram um melhor desempenho na resolução de problemas, enquanto os bilíngues tardios de Edimburgo, segundo grupo investigado, na mudança de atenção. Baseado nesses resultados, os estudiosos (2018) sugerem que o contexto interacional de pessoas bilíngues pode impactar de diferentes formas seu controle da atenção.

Já os autores Borges e Lyddy (2023) examinaram concepções errôneas, isto é, crenças e mitos, que indivíduos monolíngues e bilíngues possuem a respeito do bilinguismo. Para isso, apresentaram a 103 participantes, 47% deles bilíngues, uma pesquisa a ser preenchida acerca de falas sobre o bilinguismo. Cada afirmação tinha duas versões parafraseadas, uma mais forte (por exemplo, “Bilíngues sempre adquirem as respectivas duas línguas na infância”) e outra mais fraca (por exemplo, “Bilíngues adquirem as respectivas duas línguas na infância”), que deveria ser avaliada de acordo com a escala tipo Likert, de 1 (discordo fortemente) a 7 (concordo fortemente). Os resultados indicaram que ambos os participantes monolíngues e os bilíngues tenderam em geral a discordar das concepções apresentadas, mas a versão parafraseada mais fraca em específico foi a mais concordada, sugerindo que esses mitos acerca do bilinguismo ainda são prevalentes.

No campo do bilinguismo na educação no cenário internacional, o trabalho de Nuray Kayadibi (2022) preocupa-se em responder a questões como: números e tipos de publicações, quais as línguas utilizadas e quais países mais publicam e colaboram com outros, quais as instituições em que os autores de pesquisas estão inseridos, número de citações, palavras-chaves e referências utilizadas em comum. Para realização dessa pesquisa, foi utilizado o método de análise bibliométrica, que incluiu a aplicação de métodos matemáticos e estatísticos. Foi consultado o banco de dados *Web of Science*, pesquisando-se pelo termo “bilingualism” entre os anos de 1970 e 2021. Os resultados indicam o número de 1975 publicações inseridas em pesquisas relacionadas à educação e disciplinas científicas educacionais, sendo 1527 delas artigos, e sendo os anos de 2020, 2019 e 2018 os que contaram com número mais expressivo de publicações. Kayadibi (2022) aponta que o inglês é a língua em que mais se publica, representando 92% do total de publicações, a maioria delas sendo publicadas pelos Estados Unidos, o que mais tem número de conexões com outros países. Os autores dessas pesquisas são principalmente da Universidade do Estado da Califórnia, Universidade de Londres e Universidade do Texas e as fontes das publicações são *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, *International Journal of Multilingualism* e *Modern Language Journal* (Kayadibi, 2022). Ao longo dos anos, observou-se um aumento do número de citações, sendo 2021 o ano com mais citações, possivelmente devido ao aumento de interesse na área e à relevância do bilinguismo para o

campo educacional. Ainda referente a citações, dentre as publicações mais citadas estão o capítulo de Ofélia Garcia, *Education, multilingualism and translanguaging in the 21st century*, do livro de 2009 *In Social justice through multilingual education*, o livro de Jim Cummins de 2000, *Language, power and pedagogy* e o capítulo de Ofélia García e Li Wei, *Translanguaging and education*, do livro de 2014 de mesma autoria *Translanguaging: Language, bilingualism and education*. Quanto às palavras-chave utilizadas, encontraram-se “bilinguismo”, “multilinguismo”, “educação bilíngue”, “política linguística”, “alternância linguística”, “letramento duplo”, “identidade”, “ideologias linguísticas”, “aquisição de segunda língua”, “mudança de código” e “letramento” (Kayadibi, 2022).

3.2 As pesquisas acerca do bilinguismo no Brasil

No cenário nacional, as pesquisas sobre bilinguismo apontam para uma maior expressão de trabalhos que abordam a educação de surdos (Nordio, Neves, 2022; Martins de Oliveira, Quaresma de Figueiredo; 2017; Leandro, Santos, Dering, 2019; Almeida, Cruz-Santos, 2020; Darde, Santana, 2021; Reis, Moraes, 2020; Santos, 2013), análise sobre o campo no Brasil (Barbosa, Fistarol, Heinzle, 2023; Barbosa, Pereira, 2023; Aparecida da Silva, Guedes, Dias, 2021; Ewald, 2019; Fritzen, Ewald, 2011; Campos, Alvarez da Silva, 2013), percepções em relação aos sujeitos bilíngues (Pompeu, Nencini, 2019; Megale, 2012; Silva, Silva, 2022), bilinguismo infantil (Rodrigues, Gomes, 2018; Martins, Lima, 2021; Brasolotto de Santis, Del Ré, 2019; Padinha, Goia, 2021; Batista, Freitas, 2021) e políticas linguísticas (Preuss, Álvares, 2014; Nunes, Fraga, 2018; Megale, 2018).

No campo da educação de surdos, Vera Nordio e Rogério Neves (2022) levantam o percurso histórico da educação desse grupo no Brasil e a concepção e papel do bilinguismo para tal, visando enfatizar a importância da educação bilíngue. Através da investigação por fontes bibliográficas, a dupla de estudiosos observa que a educação de surdos foi separada da educação geral e passou por três abordagens. Uma primeira abordagem chamada de oralista, que focava em desenvolver a língua oral; uma segunda, chamada Comunicação Total, que focava em utilizar meios de comunicação no ensino, como o uso de “sinais, mímica, amplificação e alfabeto digital e o português sinalizado” (Nordio, Neves, 2022, p. 4); e uma terceira, a fase de educação bilíngue e bilinguismo, em que há a valorização da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), apesar de ainda pouco descrita e compreendida como pontuado pelos autores.

Quanto à análise dos temas de estudo do bilinguismo, destaca-se o trabalho de Isabela Barbosa, Caique Fistarol e Márcia Heinzle (2023), em que constroem um balanço do que vem sendo feito na área do bilinguismo. Para isso, levantaram publicações entre 2010 e 2015 nas áreas de Educação e de Linguagem no Brasil que abordassem a área. Neste mapeamento, encontraram 81 trabalhos, 57 deles dissertações, e categorizaram a abordagem utilizada pelos autores dessas publicações em unidimensionais e multidimensionais (Barbosa, Fistarol, Heinzle, 2023). Este trabalho mostrou que a maioria desses estudos trabalha com a vertente multidimensional de bilinguismo, em que o bilinguismo abrange a identidade cultural, aspectos sócio-históricos e culturais, além da competência linguística dos sujeitos bilíngues.

No tocante à percepção de indivíduos bilíngues, Antonieta Megale (2012), pedagoga e doutora em Linguística Aplicada, investigou os impactos de representações sociais para pessoas bilíngues, como os mesmos se percebem a si e ao grupo a que pertencem. Para isso, analisou relatos de pessoas bilíngues, em como e por que se percebem bilíngues, resgatando os conceitos sobre o que define alguém bilíngue e trazendo questionamentos da abrangência dessa definição. Com esse arcabouço teórico, Megale extrai dos dezoito relatos, nove de pessoas de bilinguismo simultâneo e nove de sequencial, concluindo que, independente da classificação de bilinguismo, as pessoas envolvidas na pesquisa possuem os mesmos conflitos e questões identitárias. Esses sujeitos mostraram dificuldade em explicar o porquê de se aceitarem bilíngues e se classificarem enquanto tal, devido ao ideal monolíngue presente no Brasil e à representação social a respeito do bilinguismo.

Quanto ao bilinguismo infantil, Luciana Rodrigues e Renata Gomes (2018) apresentam as características do bilinguismo infantil simultâneo. Através de pesquisa mercadológica e bibliográfica, as autoras buscam mostrar quantas pessoas falam inglês no Brasil, conceituar bilinguismo e discutir suas perspectivas acerca do bilinguismo infantil e bilinguismo infantil simultâneo. As autoras observam que o número de falantes de inglês é pequeno, o que não atende à demanda do mercado de trabalho nacional. Quanto aos conceitos de bilinguismo e bilinguismo infantil, elas pontuam que o bilinguismo é um objeto de difícil definição, variando de autor para autor, e que a forma de aquisição desse bilinguismo também é variada. As estudiosas ressaltam algumas características do bilinguismo infantil, em específico o simultâneo, que podem ser classificados em três tipos: aquele em que cada membro da família ensina uma língua respectivamente, aquele em que se falado um idioma em casa e outro fora, e aquele em que os pais utilizam duas línguas ao mesmo tempo de forma alternada. Ao final do texto, apontam-se estratégias para aplicação do bilinguismo infantil simultâneo por pais de crianças bilíngues.

Por fim, a relação entre bilinguismo e políticas linguísticas também é um tema demasiadamente investigado. Elena Preuss e Margarida Álvares (2014) discutem as políticas linguísticas atuais, problematizando as noções de bilinguismo abordadas por elas. Por meio de estudo bibliográfico e documental, analisam primeiramente as concepções adotadas ao longo do tempo e quais os tipos de bilinguismo são contemplados por essas políticas em documentos como a Constituição de Federal de 1988, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Ao analisarem a Constituição Federal, observam que a língua portuguesa é estabelecida como língua oficial, enquanto que nos PCNs, há destaque sobre o aprendizado de uma língua estrangeira e o reconhecimento, apesar de superficial, de comunidades de imigrantes, surdos e comunidades indígenas. Quanto à Lei 10.463, é constado o reconhecimento da Libras como um meio de comunicação no território nacional. Dessa forma, as estudiosas concluem, através dos dados coletados, que é dado um destaque à língua portuguesa sobre outras e que, apesar de avanços recentes, a realidade plurilíngue do Brasil ainda não é reconhecida.

Da mesma forma que as pesquisas internacionais contribuem para a construção de outras esferas do conhecimento, os temas estudados no Brasil tendem a se voltar para a área do ensino, sobretudo para a educação de surdos, e para políticas linguísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil é um território multilíngue (Cavalcanti, 1999), em que não somente se fala português. Dado esse contexto, a educação bilíngue e a língua inglesa principalmente, mas também diversas outras línguas, são cada vez mais objeto de interesse pelos brasileiros, abrindo espaço para o bilinguismo. O bilinguismo e o que o rodeia, como definição e implicações, podem impactar não só o ensino, mas também outras áreas que não a Linguística. Desta forma, é pertinente a recapitulação da sua conceituação e a verificação de temas trabalhados em publicações internacional e nacionalmente.

Em resposta aos objetivos desta pesquisa, as principais perspectivas adotadas por estudiosos de bilinguismo ao longo dos anos foram apresentadas, o que foi realizado por meio da consulta bibliográfica de obras base para o tema, como Baker (2001) e García e Wei (2014). Em seguida, o panorama do que vem sendo pesquisado nesse campo dentro e fora do Brasil foi apresentado, por meio da consulta a bancos de periódicos.

Diante dos procedimentos metodológicos, este trabalho encarou uma limitação referente ao tamanho da amostra analisada. Mais especificamente, nota-se que este trabalho se

restringiu à consulta de poucos periódicos internacionais, o que implicou em uma análise de baixo número de textos. Em comparação, analisaram-se mais publicações do Brasil (todas as 132 publicações) do que as internacionais (em torno de 30 publicações, 10 de cada periódico).

Baseado nisso, este trabalho aponta para pesquisas futuras a necessidade de se debruçar em uma análise mais profunda, com uma amostra maior para total entendimento dos temas trabalhados em investigações que tratam do bilinguismo. Apesar disso, esta pesquisa contribuiu para o campo de estudo do bilinguismo, fornecendo uma trajetória do entendimento de bilinguismo por diversos autores e temas mais relevantes nas publicações realizadas nacional e internacionalmente.

REFERÊNCIAS

- ABUTALEBI, Jubin. CLAHSEN, Harald. Bimodal bilingualism: Language and cognition. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 19, n. 2, p. 221–222, 29 fev. 2016.
- AGIRDAG, Orhan. The long-term effects of bilingualism on children of immigration: student bilingualism and future earnings. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 17, n. 4, p. 449–464, 28 ago. 2013.
- ALMEIDA, Walney Gomes; SANTOS, Anabela Cruz. Bilinguismo em Contexto Bimodal No Brasil: uma Política Subversiva De Direito Linguístico. *Interfaces da Educação*, v. 11, n. 33, p. 467–484, 24 dez. 2020.
- BAKER, Colin Ronald. **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism**. Clevedon: Multilingual Matters, 2001. 484 p.
- BARBOSA, Davi.; MOTA-PEREIRA, Fernanda. Pesquisas em Educação Bilingue: Por uma Rosa-Dos-Ventos que Navegue ao Sul. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 16, n. 46, 16 out. 2023.
- BARBOSA, Isabela Vieira; FISTAROL, Caique Fernando da Silva.; HEINZLE, Márcia Regina Selpa. Concepções Sobre Bilinguismo: uma Metanálise de Produções Científicas nas Áreas de Educação e Linguagem. *Revista Signos*, v. 44, n. 1, 13 jul. 2023.
- BATISTA, Brenda Neves; FREITAS, Maria Cecília Martinez Amaro. Os benefícios do bilinguismo nos anos iniciais do ensino fundamental/ The benefits of bilingualism in the early years of elementary school. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 9, p. 87561–87575, 7 set. 2021.
- BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Londres: Allen & Unwin, 1935. 566 p.
- BORGES, Raiane; LYDDY, Fiona. **Language affects endorsement of misconceptions about bilingualism**. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 27, n. 2, p. 1–10, 11 jan. 2023.
- CAMPOS, Simone Ayumi Ueta de Souza.; SILVA, Tânia Dos Santos Alvarez da. A escrita de sinais no Brasil sob olhar da comunidade acadêmica. *Imagens da Educação*, v. 3, n. 2, p. 54–61, jun. 2013.
- CAROLINA, Ana Carolina Moura; CAVALLO, Patrizia. Bilinguismo, Tradução e Interpretação: Percepção dos clientes quanto aos profissionais contratados. *Cadernos de Tradução*, v. 39, n. 3, p. 90–110, 12 set. 2019.
- CAVALCANTI, Marilda do Couto. Estudos sobre educação bilingüe e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 15, n. spe, p. 385–417, 1999.
- CENOZ, Jasone. The additive effect of bilingualism on third language acquisition: A review. *International Journal of Bilingualism*, v. 7, n. 1, p. 71–87, mar. 2003.

DIEBOLD, Albert Richard. Incipient bilingualism. *In Language in Culture and Society: A reader in linguistics and anthropology*. New York: Harper and Row, 1964, cap. 53, p. 495-508.

EMMOREY, Karen. et al. Bimodal bilingualism. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 11, n. 1, p. 43–61, mar. 2008.

ERVIN, S. M., OSGOOD, C. E. Second language learning and bilingualism. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, Supplement, 49, 139—145, 1954.

EWALD, Luana. Língua Ou Dialeto? Considerações Sobre o Estatuto da Língua de Imigração Alemã Na Ciência Brasileira. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*, v. 13, n. 2, p. 269, 31 ago. 2019.

FENG, Haoda. Bilingualism, executive function, and beyond: questions and insights. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, p. 1–4, 27 nov. 2019.

FISHMAN, J.A (ed.). **Advances in the Sociology of Language**. Mouton, 1971.

FRITZEN, Maristela Pereira.; EWALD, Luana. “Bílingue? Só se eu Tivesse um Curso ou Escrevesse Diariamente”: Considerações sobre Bilinguismo e Educação em um Contexto de Línguas de Imigração. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 6, n. 1, p. 146–163, 1 jan. 2011.

GARCÍA, Ofélia. **Bilingual education in the 21st century: A global perspective**. John Wiley, 2009.

GARCÍA, Ofélia. Bilingualism in the United States: Present Attitudes in the light of past policies. *In: GREENBAUM, Sidney The English Language Today: Public Attitudes Toward the English Language*. Oxford: Pergamon Press, 1984, p. 147-158.

GARCÍA, Ofélia.; LI, Wei. **Translanguaging: language, bilingualism and education**. Basingstoke; New York: Palgrave Macmillan, 2014.

GARRITY, Sarah. et al. Beliefs about bilingualism, bilingual education, and dual language development of early childhood preservice teachers raised in a Prop 227 environment. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 21, n. 2, p. 179–196, 7 mar. 2016.

GROSJEAN, François. Bilingualism, biculturalism, and deafness. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 13, n. 2, p. 133–145, mar. 2010.

GROSJEAN, François. The bilingual as a competent but specific speaker-hearer. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 6, n. 6, p. 467–477, jan. 1985.

HAMERS, Josiane. F.; BLANC, Michael. **Bilinguality and bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KAYADIBI, Nuray. Bibliometric Analysis of Educational Researches on Bilingualism. *International Journal of Education and Literacy Studies*, v. 10, n. 3, p. 80–90, 12 ago. 2022.

KEMPERT, Sebastian; HARDY, Ilonca. Children's scientific reasoning in the context of bilingualism. *International Journal of Bilingualism*, v. 19, n. 6, p. 646–664, 10 abr. 2014.

KLEIN, Raymond M. Is there a benefit of bilingualism for executive functioning? *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 18, n. 1, p. 29–31, 22 out. 2014.

LI, Wei. Moment Analysis and Translanguaging Space: Discursive Construction of Identities by Multilingual Chinese Youth in Britain'. *Journal of Pragmatics*, 43, p. 1222–1235, 2011.

LI, Wei. Translanguaging as a Practical Theory of Language. *Applied Linguistics*, p. 1-30, 2017.

LEANDRO, Karina Santiago; SANTOS, Kelly Cristina; DERING, Renato de Oliveira. O Silenciamento da Educação Básica: a Importância do Bilinguismo no Processo Educacional. *Práxis Educacional*, v. 15, n. 35, p. 207–207, 1 out. 2019.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. *Canadian Journal of Linguistics*, v. 7, n. 2, p. 51–85, 1962.

MACNAMARA, John. The Bilingual's Linguistic Performance-A Psychological Overview. *Journal of Social Issues*, v. 23, n. 2, p. 58–77, abr. 1967.

MALONE, Margaret. Book reviews : Valdés, G. and Figueroá, R.A. 1994: Bilingualism and testing: a special case of bias. *Language Testing*, Norwood, v. 14, n.1, p. 107-108, 1997.

MARTINS, Giovanna Maria Carvalho.; LIMA, Thereza Cristina de Souza. Inglês na primeira infância: educação bilíngue no Brasil. *Revista Linguística*, v. 17, n. 2, p. 367–380, 21 out. 2022.

MEGALE, Antonia Heyden. **Bilíngue, Eu?** Representações de Sujeitos Bilíngues Falantes de Português e Inglês. *Revista X*, v. 3, 31 dez. 2012.

— . Bilinguismo e Educação Bilíngue. In: **Educação bilíngue no Brasil**. São Paulo : Fundação Santillana, 2019, v.1, cap. 1, p. 13-27.

— . Educação Bilíngue de Línguas de Prestígio no Brasil: Uma Análise Dos Documentos Oficiais. *The Specialist*, v. 39, n. 2, 26 dez. 2018.

NORDIO, Vera Aparecida; NEVES, Rogério da Costa. Educação de surdos no Brasil e Bilinguismo: um olhar sobre o tema. *Cadernos de Educação Básica*, v. 7, n. 1, p. 176–194, 29 abr. 2022.

NUNES, Evelin Seluchinaik; FRAGA, Letícia. Análise da Lei Municipal No 12.213 de 23/06/2015: As Lacunas da Inclusão Bilingue dos Alunos Surdos na Rede Municipal de Ensino do Município de Ponta Grossa. *Trama*, v. 14, n. 33, p. 99–105, 2 out. 2018.

OLIN, Aline Olim Goulart; Santana, Ana Paula. Letramento de surdos universitários no Brasil: o bilinguismo em questão. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, p. 761–782, 1 fev. 2021.

OLIVEIRA, Quintino Martins de; FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. Educação dos surdos no Brasil: um percurso histórico e novas perspectivas. *Revista Sinalizar*, v. 2, n. 2, p. 174, 20 dez. 2017.

OOI, Seok Hui. et al. From Bilingualism to Bilingualisms: Bilingual experience in Edinburgh and Singapore affects attentional control differently. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 21, n. 4, p. 867–879, 13 mar. 2018.

PADINHA, Thaís Arantes; GOIA, Marisol Rodriguez. As Escolas Privadas Bilíngues e a Qualificação Docente. *Cadernos de Pesquisa*, v. 51, 11 jun. 2021.

PEACE-HUGHES, Tracey. et al. **What do children think of their own bilingualism?** Exploring bilingual children's attitudes and perceptions. *International Journal of Bilingualism*, v. 25, n. 5, p. 1183–1199, 17 mar. 2021.

PREUSS, Elena Ortiz.; ÁLVARES, Margarida Rosa. Bilinguismo e políticas linguísticas no Brasil: da ilusão monolíngue à realidade plurilíngue. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 36, n. 4, p. 403, 14 nov. 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª edição. Editora Feevale, 2013. 276 p.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas.; MORAIS, Isadora Cristina Vieira de. Inclusão dos surdos no Brasil: do oralismo ao bilinguismo. *Revista UFG*, v. 20, 14 abr. 2020.

RODRIGUES, Luciana Medina Pereira. GOMES, Renata de Souza. O bilinguismo infantil e o inglês no Brasil: criando filhos bilíngues através do bilinguismo simultâneo. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 03, Ed. 11, Vol. 06, pp. 05-21 Novembro de 2018. ISSN:2448-0959

SALVATIERRA, Judy Lee; ROSSELLI, Monica. The effect of bilingualism and age on inhibitory control. *International Journal of Bilingualism*, v. 15, n. 1, p. 26–37, 13 set. 2010.

SANTIS, Ananda Brasolotto de; RÉ, Alessandra Del. A linguagem dirigida à criança em uma sala da Educação Infantil bilíngue inglês-português. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, v. 48, n. 3, p. 1349–1371, 18 dez. 2019.

SANTOS, Thaís Cristine dos. **A aquisição de uma segunda língua por crianças na educação infantil bilíngue**. 2013.

SILVA, Kléber Aparecido da; GUEDES, Sônia Margarida Ribeiro; DIAS, Tatiana Rosa Nogueira. Educação bilíngue para surdos no Brasil: reflexões críticas. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 22, n. 2, p. 295–315, 19 dez. 2021.

SILVA, Luã Armando de Oliveira; SILVA, João Fábio Sanches. Eu – Professor bilíngue? um estudo sobre representações de sujeito bilíngue. *Entretextos*, v. 22, n. 2Esp., p. 42–62, 30 nov. 2022.

SINGH, Jay Prakash.; MISHRA, Ramesh Kumar. Effect of bilingualism on anticipatory oculomotor control. *International Journal of Bilingualism*, v. 20, n. 5, p. 550–562, 27 jul. 2016.

THIONG'O, Ngugi wa. **Decolonizing the mind**: the politics of language in African literature. London: J. Currey, 1986.

VALIAN, Virginia. Bilingualism and cognition. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 18, n. 1, p. 3–24, 27 nov. 2014.

VENDER, Maria et al. Inflectional morphology: evidence for an advantage of bilingualism in dyslexia. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, p. 1–18, 15 mar. 2018.

WODNIECKA, Zofia. et al. Does bilingualism help memory? Competing effects of verbal ability and executive control. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 13, n. 5, p. 575–595, set. 2010.